

Baixo salário afasta professor de escola

Profissionais tentam complementar renda mensal desempenhando outras atividades

A intenção manifestada pelo Ministério da Educação (MEC) de incentivar os Estados a pagar melhor seus professores, reconhecendo os salários baixos como uma das maiores causas da má qualidade de ensino, reavivou os debates sobre uma antiga questão: a desvalorização da profissão de educador. Com salários insuficientes para sobreviver com o ensino, por todo o País mestres deixam as salas de aula para tentar outras atividades como a de vendedor, comerciante e taxista.

Um estudo concluído pela pesquisadora Ângela Maria Rabelo Ferreira Barreto, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, mostrou que os professores recebem em média US\$ 192 (Cr\$ 330 mil). Menor, por exemplo, do que funções que exigem escolaridade mais baixa, como a de auxiliar administrativo.

A situação é crítica, mesmo nos Estados mais ricos do País. Em São Paulo, a professora de 1º grau Regina S., que dá 44 horas de aula semanais em Osasco, na Região Metropolitana, recebe pouco mais de Cr\$ 400 mil. Desquitada, com dois filhos, foi obrigada a mudar para um cortiço. "O que posso fazer, se só sei ser professora?", pergunta. O sindicato dos professores paulistas reivindica, em março, mês de campanha salarial, reajuste de 258%.

Para o secretário da Educação paulista, Fernando Moraes, a melhoria salarial "não pode ser dissociada da arrecadação". "O governo reconhece que os salários são insatisfatórios, mas seria irresponsável apresentar projetos de melhoria de salário sem saber o que pode acontecer com a economia", alega Moraes.

Além disso, o Estado tem o maior número de professores do País — cerca de 210 mil. Dos US\$ 2,5 bilhões do orçamento da secretaria do ano passado, US\$ 2 bilhões foram gastos com salários. No Rio, os professores estaduais e municipais escolheram como símbolo para sua campanha salarial

Drama salarial		
Quanto ganham os professores com curso superior em cada Estado (em janeiro)		
Estado	Salário (em Cr\$)	Carga horária (por hora/aula)
Acre	167.249,27	40
Alagoas *	135.793,00	40
Amazonas *	120.900,00	20
Amapá *	130.227,58	20
Bahia *	112.441,00	20
Ceará *	120.838,33	20
Distrito Federal	166.983,92	20
Espírito Santo	194.306,46	25
Goiás	96.037,33	20
Maranhão	75.888,77	20
Minas Gerais	188.899,24	22
Mato Grosso do Sul	227.598,00	22
Mato Grosso	189.000,00	40
Pará	184.893,02	20
Paraíba **	95.880,00	20
Pernambuco	176.509,61	30
Piauí *	48.800,00	20
Paraná	189.761,13	20
Rio Grande do Norte	217.142,00	40
Rio de Janeiro *	110.767,22	16/20
Rondônia	188.000,00	20
Roraima	—	—
Rio Grande do Sul	185.963,15	20
Santa Catarina *	210.391,00	40
Sergipe	150.280,00	40
São Paulo	110.504,82	20
Tocantins	190.000,00	40

* Salários de dezembro 91;
** Na Paraíba, o salário de dezembro de 1991 foi pago em janeiro de 1992
Fonte: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)

uma banana (ver matéria abaixo). De acordo com os docentes, o salário recebido hoje por uma hora de aula equivale ao valor de três bananas.

Vendedores — A situação, no entanto, é melhor em São Paulo e no Rio do que em Estados como o Pará. Em Belém, todos os meses, nos dias seguintes ao pagamento dos salários, as mesas nas salas dos professores viram verdadeiros balcões de lojas. São variados artigos comprados do Paraguai ou roupas do Ceará. É cada vez maior o número de pro-

fessores que adotam esse expediente como forma de melhorar o orçamento familiar.

A professora Ana Maria Sales Figueiredo viaja pelo menos uma vez a cada dois meses para o Paraguai. Ela recebe um salário de pouco mais de Cr\$ 200 mil. No ano passado, aproveitou o que recebeu nas férias para realizar a primeira compra. Hoje já consegue ganhar com suas vendas quase o equivalente a seu salário.

Essa curiosa complementação de salários provocou, há poucos dias, um debate entre os professores porque alguns

chegam a passar até 15 dias ausentes nessa procura para melhorar seu orçamento. O sindicato dos trabalhadores em educação de Belém reconhece que a qualidade do ensino é prejudicada, mas coloca a culpa nos salários. O Pará tem 16,2 mil professores.

Falta de professores — Os baixos salários estão aumentando o desinteresse pelos cursos de licenciatura. Em São Paulo, a Universidade de São Paulo (USP) registra índices de evasão superiores a 50%, nesses cursos. Começam a faltar professores de física até mesmo em escolas particulares. No Rio de Janeiro, a Universidade Santa Úrsula (USU) foi obrigada este ano a cancelar a turma de pedagogia.

A instituição oferecia 60 vagas, mas somente oito alunos se matricularam. "Foi decepcionante", lamenta o decano do Centro de Educação da USU, Antônio Carlos Montenegro de Aguiar, recordando a época em que havia uma grande disputa por esse curso.

A desvalorização da profissão não poupa nem mesmo os professores mais graduados. Em Porto Alegre, a professora de química Maria Julieta Fonseca Wolff, pós-graduada em educação, recebe Cr\$ 254 mil por 40 horas de aulas semanais. Maria Julieta se viu obrigada a tentar a sorte numa microempresa de criação gráfica. Dados do Centro dos Professores do Estado (Cepers) indicam que, de fevereiro a setembro de 1991, pelo menos 2,7 mil dos 106 mil professores mudaram de ramo.

Um motivo semelhante levou a fluminense Sandra Regina Quitéria Raposo, decepcionada com as dificuldades da licenciatura, a abandonar a profissão. Ela aceitou um convite da também ex-professora Nelma Piazarolo e se associou na direção de um bar. Um professor do nível de carreira de Sandra ganhará, em março, Cr\$ 276,6 mil.

■ Colaboraram as secursais de Belém, Belo Horizonte e Porto Alegre